

O repórter e a fonte: Trocas e construções no jornalismo popular ¹

Caroline Vanzella Moreira PEDRUZZI²

Ivone Maria CASSOL³

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo tem como enfoque principal a figura do repórter e sua relação com as fontes que, ao mesmo tempo, são leitores dentro do universo do jornalismo popular. Pretende-se validar que o profissional, quando se permite envolver e viver as histórias que são contadas exerce um papel social fundamental para essas pessoas e fideliza os laços com o veículo. O jornalismo humanizado propõe essa relação diferenciada e, com isso, tanto a fonte/leitor quanto o veículo ganham. A relação humanizada e respeitosa da jornalista com leitores e fontes, além de dar qualidade às reportagens, revigora a figura do repórter no jornalismo, especialmente, para aquele de cunho popular.

Palavras-Chave: Aline Custódio, Jornalismo popular, Jornalismo humanizado, Repórter.

Introdução

A relação entre repórter e fonte por vezes ocorre de forma despercebida, mas no jornalismo popular essa relação pode assumir configurações muito próprias. As fontes deste segmento são personagens das comunidades, de instituições, associações, ONGs, além destes agentes, representantes da sociedade em geral que, por vezes, são os próprios leitores. Diferente do jornalismo de referência, em que, as fontes são reconhecidas publicamente, pois trata-se de autoridades notórias ou que ocupam altos cargos em instituições públicas e outras, ainda, de reconhecido destaque em suas atividades. Entre os profissionais e o público alvo, geralmente periférico, se desenvolve uma proximidade ditada pelo próprio ambiente.

A figura do repórter tem especial função na sua relação com as fontes e, também, com o leitor na linha do popular. O *case* analisado integra a proposta do jornal popular

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XVI Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em jornalismo em 2019/2 pela Escola de Comunicação, Artes e Design - FAMECOS/PUCRS, e-mail: vanzella.carol@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Pós-Graduação em Comunicação Social e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), e-mail: ivone.cassol@pucrs.br.

Diário Gaúcho (DG), que teve seu lançamento no ano de 2001 e que tem se valido da sua relação com o leitor para desenvolver notícias e reportagens que buscam valorizar o público leitor. Uma repórter que exemplifica essa relação é a jornalista Aline Custódio, que trabalhou por cinco anos na redação do jornal e, atualmente, desempenha suas funções no portal de notícias Gaúcha ZH. Este estudo busca destacar e valorizar o repórter, um profissional que alguns julgam dispensável neste tempo em que a informação parece circular sem muito esforço. É relevante registrar a relação de confiança que se estabelece entre o repórter e sua fonte popular, assim como certas inconveniências que esse vínculo oferece.

No DG, o jornalismo popular é voltado à população periférica da Capital e dos bairros da região metropolitana de Porto Alegre. Possui um papel prioritariamente social e humanizado; presta serviço ao público que, muitas vezes, através de matéria publicada consegue emprego ou ser atendido por agentes públicos. Com isso, o jornal é agente de transformação na vida de certos leitores. Para essas reflexões, são importantes as contribuições de autoras como Márcia Amaral (2006) e Cecília Peruzzo (2008) que sustentam as discussões sobre os aspectos específicos, (como fontes e linguagens) ligados ao jornalismo popular. Na área de estudos sobre as características do jornalismo popular, são valiosas as contribuições de Cremilda Medina (1996) para a compreensão de seu papel social.

1. O jornalismo popular

No meio jornalístico, a palavra popular é empregada para distinguir uma categoria comunicacional e jornalística destinada ao povo, chamada de jornalismo popular. Há, neste aspecto, questões que se voltam ao coletivo e ao interesse público. O jornalismo popular pretende dar voz a uma parte da população que, por vezes, não recebe a devida atenção dos órgãos governamentais. Grande parte deste público está localizado nas periferias e precisa ser olhado com respeito e a atenção. Peruzzo (2006, p. 2) considera a comunicação popular “[...] uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando a atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política”. Para Amaral (2006), trata-se de um segmento jornalístico voltado, principalmente, às classes B, C e D que possuem

um público tão exigente quanto aquele do jornalismo de referência. Este público quer se reconhecer, tanto na TV, como no impresso ou no online, e ver se aquilo que é do seu interesse está ligeiramente associado ao que pode impactar diretamente na sua vida, sustenta Amaral (2006).

Os veículos usam como estratégia de sedução do público leitor a cobertura da inoperância do poder público, da vida das celebridades e do cotidiano das pessoas do povo. Os assuntos que interessam são prioritariamente os que mexem de imediato com a vida da população. Na pauta, o atendimento do SUS e do INSS, a segurança pública, o mercado de trabalho, o futebol e a televisão. (AMARAL, 2006, p. 09).

A comunicação popular, explica Peruzzo (2006), possui origens nos movimentos populares dos anos 1970 e 1980, no Brasil, e tem características comunicacionais que emergem da ação de grupos populares. No jornalismo não é diferente. O jornalismo popular suscita no público um sentimento de coletivo, de pertencimento, de identidade. Isto se torna possível quando o veículo compreende quem é seu público, e o percebe como um ser crítico que quer estar por dentro do que é relevante para si e para a comunidade onde está inserido

o povo é considerado portador de uma cultura heterogênea, preso à concretude da realidade. Por isso, os produtos dirigidos a essa camada social tendem a priorizar o que está relacionado com o mais próximo e concreto da vida do leitor, e dificilmente obrigam-se a buscar as causas dos problemas sociais. (AMARAL, 2006, p. 61).

Há um senso comum entre os repórteres que compreendem as fontes jornalísticas em camadas sociais diversas, estando engenhosamente posicionadas para defender aquilo que acreditam (AMARAL, 2006). Na visão de Kaplún (1985, apud PERUZZO, 2008), a comunicação popular é transformadora, serve para gerar consciência, sentimento de pertencimento em sociedade, bem como a compreensão de onde o cidadão está inserido no mundo através de

uma comunicação libertadora, transformadora, que tem o povo como gerador e protagonista”. Ressaltando os aspectos educativos desse tipo de processo de comunicação, o autor (1985, p. 17) esclarece que as mensagens são produzidas “para que o povo tome consciência de sua realidade” ou “para suscitar uma reflexão”, ou ainda “para gerar uma discussão. (KAPLÚN 1985, apud PERUZZO, 2008).

É de responsabilidade da imprensa trazer todos os lados do assunto tratado, apresentar as diferentes versões, introduzindo mais de um relato sobre o mesmo caso, isto permite que o receptor tenha a possibilidade de escolher e posicionar-se frente à notícia. É possível, também, afirmar que este seja um dos principais papéis do jornalismo popular: ser plural, conforme se vê a seguir

Ser plural é uma questão-chave em face da existência de inúmeros interesses, pretensa, ou efetivamente, de caráter público. Como espelho da sociedade, caberia à imprensa reproduzir uma imagem cheia de nuances, repleta de pontos de vista e de abordagens diferentes para os mesmos temas (e não uma visão única, esquemática, reducionista sobre quase todos os temas). (FARIA, 2012, p.178).

Peruzzo (2006) compreende que a comunicação popular possui traços de militâncias e de lutas populares, como lutas por “melhores condições de vida” e que proporcionam um ambiente propício para a “participação democrática do povo”. Além disso, este movimento de comunicação popular permite ao povo um olhar educativo e em busca da sua independência para ser também um militante pelas causas comuns, argumenta a autora ao citar Palácios (2001)

o sentimento de pertencimento, elemento fundamental para a definição de uma comunidade, desencaixa-se da localização: é possível pertencer a distância. Evidentemente, isso não implica a pura e simples substituição de um tipo de relação (face-a-face) por outra (a distância), mas possibilita a coexistência de ambas as formas, com o sentimento de pertencimento sendo comum às duas. (PALÁCIOS, 2001, apud PERUZZO, 2006, p. 13).

Compreender o popular como um termo identitário que nomeia um grupo de pessoas ou de uma sociedade, e pode estreitar vínculos dentro da comunidade em que está inserida e projetá-la para a sociedade demonstra otimismo, no entanto nem sempre é o que acontece. Barbosa e Enne (2005, p.67), ao discorrem sobre jornalismo de referência e o jornalismo popular, trazem à reflexão os perigos de se agregar uma visão preconceituosa para o segmento popular, quando se define que o melhor jornalismo é o preparado para “os que possuem capital simbólico e político suficiente para tornar os gostos hegemônicos”. As autoras continuam expondo que

Ao colocar em lados distintos duas tipologias de notícias, uma cujo conteúdo interpela o gosto popular – com apelo ao extraordinário, àquilo que foge ao comum, que se aproxima do inominável, o sensacional – e outra cujo primado seria a objetividade e a “seriedade”, estaríamos definindo um lugar para o gosto popular e um outro cujo gosto não é determinado pelos mesmos cânones culturais. Estaríamos reproduzindo uma dicotomia que revela valores preconceituosos. É como se de um lado estivesse o mau gosto (exatamente o gosto popular) e de outro, o bom gosto, daqueles que possuem capital simbólico e político suficiente para tornar até mesmo os gostos hegemônicos. (BARBOSA, 2005; ENNE, 2005, p. 67)

A palavra popular está estigmatizada e atrelada, por vezes, ao termo *marginal*, de modo que todo e qualquer conteúdo que seja referente a popular seja desprezado por parte da sociedade. Também é pertinente lembrarmos que o papel social do jornalismo popular é importante para a de conscientização da sociedade, reflete Freire (1975, p.8), “[...] pois ninguém se conscientiza separadamente dos demais. A consciência se constitui como consciência do mundo [...]”. O jornalismo popular possui essa importância perante a sociedade: proporcionar a conscientização das classes, divulgar e prestar assistência em favor de quem não tem recursos ou voz para tanto.

2.O repórter e a fonte no jornalismo popular

O jornalista com formação adequada é preparado para abordar assuntos de toda ordem tanto no aspecto de técnica narrativa como em termos ético e até fazendo uso de recursos literários se assim considerar conveniente para melhor expressar sentimento (seja de emoção, raiva, dor ou alegria) que a história a ser contada necessita.

Ao discorrer sobre a fonte, Marcondes Filho (2014, p. 200), em sua obra *Dicionário da Comunicação*, reitera que fonte é a pessoa que o jornalista observa e/ou entrevista. É relevante tratar da fonte não apenas como a pessoa que possui informações importantes, mas também como um indivíduo que pode originar e pautar o conteúdo jornalístico. É necessário identificá-las para que seja possível compreendê-las. O mesmo cuidado se aplica ao repórter, pessoa de carne e osso, que não possui super poderes, mas que tendo empatia, consegue além de informações até mudar a vida das pessoas.

No início do século XX, há a introdução da fonte devido à demanda que a própria sociedade impôs ao buscar jornalismo de credibilidade que existe quando a informação trazida pelo repórter é endossada por um terceiro, através da sua menção, vivência ou

experiência de vida sobre o fato, e assim, agrega valor à matéria. Para Schlesinger (1992 apud SCHMITZ, 2010, p. 5), o “saber do jornalismo” também é construído pela fonte. Neste mesmo caminho, compreende-se que o leitor, quando passa a ser uma fonte, ou a pautar o jornal, é porque atingiu um nível crítico do seu papel em sociedade. De posse do sentimento de pertencimento, esse leitor passa a desejar que as ruas esburacadas deem lugar a um asfalto ou calçamento digno, que seu ônibus passe mais de uma vez num intervalo de uma hora, porque compreende que isso é o mínimo que sua comunidade necessita.

2.1. A repórter Aline Custódio e suas fontes

A relação do repórter com suas fontes deve ser baseada na confiança e deve ser cultivada, principalmente, quando se trata de jornalismo popular. O jornalista precisa ter uma visão geral dos assuntos mais cotidianos e corriqueiros possíveis (AMARAL, 2006). Além disso é papel do jornalista entregar numa matéria não apenas o objetivo, mas também o subjetivo, aquilo que não se vê, conforme discorrem os autores abaixo

O fazer jornalístico busca versões verdadeiras e não, necessariamente, *produz* a verdade, pois o jornalista não se relaciona com um objeto de conhecimento, mas com *outros seres humanos* envolvidos no processo comunicativo. (IJUIM; SARDINHA, 2009, p. 171)

E, ainda, “[...] na procura da essência dos fenômenos, o comunicador atribui-lhe *significados*, os *sentidos* para proporcionar ao público, mas que a explicação, a *compreensão* das ações humanas [...]”. Em entrevista concedida a esta proponente, a jornalista Aline Custódio identifica semelhança entre as fontes de cidades do interior do estado e as fontes populares da região metropolitana

[...] no interior era assim sabe, eles confiam demais, eu ligava para o delegado a hora que eu quisesse, para agente funerário a hora que eu quisesse e eles me atendiam. [...] E realmente, é uma vida totalmente diferente, porque as pessoas, o leitor do DG, ele realmente idolatra (o repórter). Não deveria, e com o passar do tempo eu aprendi que a gente não é herói e a gente é só um repórter, um ser humano. Mas eu só aprendi isso no mestrado. Quando eu fiz o mestrado, eu entendi que a gente não é (super-herói). (CUSTÓDIO, 2019)

Para Custódio (2019), é nas periferias que se encontram as pessoas mais adequadas para contar uma boa história “lá estão as melhores pessoas”. A jornalista também afirma que, durante permanência no DG fez muitos vínculos, mas deixa claro que sua relação, embora humanizada é estritamente profissional

nesse tempo eu criei muitos vínculos, vamos dizer assim “amigos”. Não que eu vá visitá-los em suas casas, eles me convidam para um churrasco no domingo, me convidam para aniversário, batizado, mas eu não vou, porque eu tento manter esse distanciamento. E eu digo: sou a repórter que está fazendo a matéria. (CUSTÓDIO, 2019)

Ela explica que é necessário, por vezes, colocar limites nessa relação, apesar de dar a atenção merecida para cada pessoa que entra em contato, comenta que foi necessário colocar no seu *whatsapp* um ‘lembrete’ de que não faz jornada integral, com a seguinte mensagem “[...] entre 22h e 8h eu costumo ficar longe do *whatsapp* [...]”. No período em que morou no Rio de Janeiro, entre o ano de 2011 a 2012, algumas pessoas ainda mantinham contato com ela como Dona Almerinda, uma de suas fontes, que por vezes enviava mensagem. Pela ótica de Custódio (2019), as fontes populares são todas aquelas que não estão “[...] ligadas à prefeitura, ao governo do estado a órgãos oficiais” e ainda que “qualquer pessoa pode ser uma fonte, não está ligado ao ‘cara’ da vila [...]”.

O repórter também está sujeito a erros, a jornalista comenta que numa entrevista *in loco* no ano de 2009, a casa da fonte tinha o assoalho de madeira podre, a matéria fora publicada com este termo. Entretanto esta descrição constrangeu quem vivia naquela casa. Custódio (2019) relata que quando a fonte leu a matéria, deu este retorno: “[...] você não pode dizer que a minha casa é podre porque é a única casa que eu posso dar pros meus filhos [...]”. Desde este dia, a repórter relata não ter se apropriado de termos que possam ser ofensivos, seu gesto numa tentativa de ajuda causou constrangimento por parte da fonte. Para além do relacionamento profissional entre fonte e repórter, a relação humanizada entre locutor e interlocutor permite estabelecer uma proximidade com base na confiança, na compreensão do outro como indivíduo e que, é possível perceber que nesta ligação existem mais ganhos do que perdas, torna o trabalho jornalístico mais leve e recompensador.

3. Metodologia da pesquisa

A metodologia de pesquisa aplicada é a pesquisa exploratória que, conforme Gil (2007), combina a pesquisa bibliográfica (já realizada nos capítulos 2 e 3), um relatório da entrevista e o estudo de caso único de abordagem qualitativa a fim de corroborar os problemas de pesquisa supracitados anteriormente. Entre eles: validar a importância do repórter como peça fundamental na construção bem sucedida do veículo popular, neste caso, um jornal impresso: o Diário Gaúcho. Bem como os benefícios profissionais e sociais de um jornalismo realizado de forma humanizada, desde a tratativas com a fonte, a entrevista, a realização da matéria.

Deste modo, o estudo é de um caso único, que segundo Yin (2001), é utilizado quando se pretende afirmar ou constatar algo, conforme ilustra no quadro abaixo

Figura 1 - Tipos Básicos de projetos para estudos de casos.

	projetos de caso único	projetos de casos múltiplos
holísticos (unidade única de análise)	TIPO 1	TIPO 3
incorporados (unidades múltiplas de análise)	TIPO 2	TIPO 4

Figura 2.4 Tipos básicos de projetos para os estudos de caso.
 FONTE: COSMOS Corporation

Extraído do livro Estudo de caso: Planejamento e métodos.

O estudo compreende também, a entrevista com a repórter Aline Custódio, um *case*, que explana sobre suas relações e que afirma: manter este relacionamento vivo possibilita uma fonte fiel e entrosada com o repórter.

3.1 Relatório

Este é o relatório da entrevista realizada, na data de 12 de agosto de 2019, com Aline Custódio, uma jornalista de 42 anos e que há vinte exerce a atividade de repórter no Grupo RBS. O objetivo deste encontro, visto que é personagem deste estudo de caso, é conhecer a forma como a jornalista se relaciona com suas fontes e leitores, que sugerem temas e buscam a assistência do jornal para resolver seus problemas. Os itens a seguir, são importantes aspectos Custódio indica para fortalecer a relação do repórter com a fonte

popular, em que identifica quem são as suas fontes, qual seu tipo de relação, seu entendimento sobre ser empática entre outros fatores.

1) Quem são as fontes da repórter:

As fontes de Custódio são as mais diversas, seus contatos estão anotados na agenda pessoal do seu telefone celular, ela menciona alguns nomes:

- a Almerinda Chácara do Banco,
- Maria da Tinga,
- Beto de Santa Rosa,
- seu Édson de Capão da Porteira, “aí tem o número 1, 2 e tem a mulher dele eu tenho o telefone de todo mundo sabe”, comenta.

Seu Édson é fonte da repórter há mais de 10 anos, toda vez que ele liga é atendido e eles conversam. O único problema é quando ele liga as duas horas da manhã, por isso colocou em seu *Whatsapp* a seguinte mensagem: “entre 22h e 8h eu costumo ficar longe do *Whatsapp*”. Além dessas fontes, ela recebe muitas sugestões de pautas de um importante pesquisador e professor universitário. Tudo porque numa primeira matéria realizada com ele, a repórter o entrevistou pessoalmente. Acredita que isso fez com que o professor percebesse um tratamento diferente de outras entrevistas que já tinha dado. As anteriores, com outros repórteres, tinham sido por telefone.

2) Relação humanizada:

- Uma das premissas para o bom jornalismo: falar pessoalmente com a fonte. Custódio destaca que esse primeiro contato é essencial para estabelecer confiança por parte do entrevistado.
- Explicar sobre o que vai ser a matéria. A fonte tem o direito de saber como será empregada a contribuição dela dentro da matéria. Para a repórter, é algo tão importante que ela expõe para cada pessoa entrevistada do que se trata a entrevista. Depois de publicada, ela também faz questão de mandar o link da matéria, ou indicar em qual edição vai sair, se vai para tv, para rádio ou *on-line*;
- As fontes populares são gratas pela presença do representante do jornal nas suas casas, no seu bairro. A repórter relata que “se te oferecem uma água, um café, tem que aceitar porque, para ele, é a coisa mais importante, é um presente que ele pode te dar. Não estão querendo te comprar com isso, nem nada, mas sim te agradecer.”

-
- Custódio também comenta que não fica reparando se a casa é pobre ou não, se tem porta ou janela, se isso não for importante para matéria. Quando não tem importância para matéria, não deve entrar nela.

3) Ser empático:

A jornalista que escolheu ser contadora das histórias de pessoas reais possui uma tarefa difícil em suas mãos: uma pauta que conta a dura realidade das pessoas invisíveis, que ganham até 70 reais por mês. Custódio conta que havia uma família de quatro pessoas que dividiam um estábulo com o cavalo deles. A única renda da família era 60 reais, e o dinheiro era usado para alimentar o cavalo. “[...] Então, eles dormiam no mesmo ambiente com o cavalo. Tu vais falar com eles e vê que estão com fome: dividiam uma melancia podre que tiraram do lixo, sabe? Como é que eu ia almoçar depois? É de chorar! [...]”

O mesmo aconteceu com a história do bailarino Gabriel, foram quatro horas de entrevista com a família, a repórter conta que quando entrou no carro para voltar à redação chorou copiosamente, era muito triste “o guri não tinha um banheiro pra ir, sabe? Era um buraco!”. O jovem também dependia da merenda dada na escola. E quando não tinha, a professora de balé o via desmaiar. Então, ele contava que não havia comido o dia inteiro. “[...] E, aí, tu ouve aquilo e tu tens que manter a postura [...]”.

4) Aprendendo com as falhas:

- Em 2009, Custódio escreveu a história do bailarino Gabriel do bairro Mário Quintana, na vila Atênis em Porto Alegre, e constatou que o endereço não existia no mapa. A casa era simples, um casebre de madeira reutilizada muitas vezes. No decorrer da entrevista, a fotógrafa que lhe acompanhava pisou no assoalho – também de madeira – e afundou o pé, de tão podre que era a madeira.
- A jornalista ficou tocada com tamanho talento do jovem, e com a injusta vida que levava numa casa de dois cômodos em deterioração e sem banheiro. Tomou a escolha de descrever na matéria “na casa de madeira podre”. A intenção era mobilizar algum leitor para ajudá-los a sair daquela situação. A mãe do jovem, ao ler a matéria deu o retorno que Custódio não imaginava. Reclamou que a repórter não deveria expor a qualidade da casa, pois mesmo sendo de madeira podre era a única casa que ela tinha para morar com os filhos.

-
- A repórter se sentiu culpada, pediu desculpas e, a partir desse episódio, fica atenta e se pergunta: “vou magoar?” “vou ferir?”. Procura se colocar no lugar daquela pessoa ou família retratada.

5) A fonte popular:

- Ao contrário do que pode sugerir o nome “fonte popular”, a repórter compreende que a nomenclatura não está atrelada à uma classe social, ou seja, não tem ligação apenas com a pessoa da periferia. Fonte popular é todo aquele que não tem ligação com órgãos oficiais, como governo federal, estadual ou prefeitura, define. Fonte popular pode ser “o dono do bar, a dona do salão de beleza, o gari que varre a rua lá na Restinga”.
- A repórter reitera que não se deve crer apenas nas informações da fonte, embora sejam as fontes populares a sua primeira opção de escuta. Custódio frisa que é de extrema importância a coleta de dados e informações com órgãos como a prefeitura, por exemplo. A fonte popular dá a direção, mas quem confirma é a oficial.

6) Leitores que sugerem pautas:

Um caso que a repórter lembra com saudosismo é a história de Dandara, “A bailarina de Alegrete”, pauta indicada pela professora de balé. A professora lia as matérias de Custódio e a guria precisava de ajuda para ir aos EUA, para estudar e fazer balé. Pelo *Facebook*, a professora contatou a jornalista dizendo: “Ah Aline, eu vejo teu nome sempre no jornal e tu faz matéria sempre com pessoas, personagens simples e eu tenho essa história aqui pra te passar”. Depois da matéria, Dandara conseguiu angariar os recursos que precisava para estudar nos Estados Unidos. Hoje, a jovem é bailarina de uma companhia norte-americana.

7) A diferença entre a fonte popular do DG e a da ZH?

Custódio entende que as diferenças entre as fontes populares do DG em relação às de ZH existe porque, de um lado, estão os assinantes de Zero Hora, do outro, os pagantes unitários do Diário Gaúcho (esse impresso não tem assinatura), embora todos sejam pagantes do jornal. Da mesma forma, ela percebe que o retorno da fonte/leitor dado ao repórter é diferente. Ela acredita que isso **se explica** em razão da humildade. Conforme

suas palavras: “O leitor do DG ou a fonte é uma pessoa que achava que não tinha nenhum tipo de valor, e quando tu chegas e olhas, eles ficam numa felicidade”, são valorizados. No caso de ZH, o leitor-fonte sempre frisa ser assinante do jornal. “Adora dizer isso”. Custódio também afirma que a fonte popular de ZH é menos receptiva. Talvez porque este público seja melhor assessorado tanto pela imprensa como pelos órgãos públicos.

3.2 Estudo de Caso

O estudo de caso é um método que busca esclarecer e compreender alguns fenômenos da sociedade a partir de uma situação específica. Com relação a esta monografia, busca-se de forma exploratória respostas às perguntas que motivam o estudo, expostas anteriormente. A pesquisa tem o objetivo de evidenciar o papel do repórter no meio do trabalho, mais especificamente nas suas relações com as fontes, que são, assim como o repórter, peças fundamentais para a construção de uma matéria de qualidade.

Com base no relatório da entrevista feita com a repórter, mais a pesquisa bibliográfica realizada, almeja-se verificar como a teoria se aplica à prática, isto é, como resulta na produção das reportagens. Deste modo são analisadas três reportagens de Custódio (2019):

Figura 2 - Três capas do Diário Gaúcho.



1. A história do bailarino Gabriel, publicada em 22 de agosto de 2009;
2. A dura vida de quem sobrevive com renda mensal de até 70,00 reais ao mês na série *Invisíveis*, publicada em 3 de setembro de 2013;
3. A história de superação da bailarina Dandara, publicada em 17 de agosto de 2016.

Diante das três matérias é possível compreender os apontamentos que dão origem ao relatório, a repórter presencia situações de histórias diversas, que retratam a extrema pobreza que assola tantos brasileiros; mesmo assim, busca exaltar a força e a persuasão destas pessoas, que como no caso dos bailarinos Gabriel e Dandara, conseguiram alcançar seus objetivos de ingressar numa companhia de dança após a publicação das matérias. Com os Invisíveis e a família de seu Adão, foi possível mostrar uma realidade daqueles que não possuem endereço, tão pouco registro perante a sociedade, famílias que sobrevivem sem renda fixa e não possuem cadastro de pessoa física (CPF). Todas as pautas têm o mesmo fechamento por de trás das publicações, alguns meses depois impressão dos jornais, as vidas dessas pessoas ganharam um novo rumo, o bailarino Gabriel conseguiu custear sua viagem ao Rio de Janeiro, seu Adão e sua família conseguiram uma moradia e fizeram seus CPF, e a bailarina Dandara, pauta indicada pela professora da menina e leitora do DG, conseguiu uma vaga na companhia de dança em Nova York. Sem dúvida, o olhar apurado e empático de Custódio colaborou para a melhora na vida destes personagens da vida real e fortaleceu o relacionamento do jornal com seu público.

Compreende-se, que esta ajuda advém da sua forma de escrever e se relacionar com o seu entrevistado, que confia no repórter e permite que sua história seja narrada por um terceiro. A visibilidade que estas matérias obtiveram após a publicação fazem parte desta relação humanizada que Aline Custódio busca trazer para seu trabalho diário, tornando indivíduos que antes não tinham voz, em pessoas que merecem conquistar o mundo de forma digna. Custódio (2019) rompe as barreiras físicas e imaginárias das quais se colocam muitos colegas de profissão, quando opta por executar algo que vai além do questionário para cumprimento do ofício. Quando se escolhe ser aquele que vai produzir emoções, como diz (MEDINA, 2019), é preciso sacramentar o momento, tornar aquela história única e, ao mesmo tempo, semelhante a tantas Dandaras, Gabrieis e Adãos.

5 Conclusão

Pretende-se validar com este estudo, que tal profissional, quando se permite envolver e viver as histórias que são contadas por aqueles que, talvez, jamais fossem ouvidos, exerce um papel social fundamental para essas pessoas no cumprimento do seu ofício, nas relações com o leitor e com as suas fontes dentro do escopo do jornalismo

popular. Para tanto, foi realizado o estudo de caso da repórter Aline Custódio e sua relação com os leitores e fontes, compreendendo também uma breve análise de três reportagens publicadas no jornal Diário Gaúcho entre os anos de 2009 a 2016 produzidas pela jornalista.

A fim de analisar a relação entre o repórter e o leitor, foi necessário destacar o leitor como partícipe dessa construção, como também a relação da repórter Aline Custódio, case desta pesquisa. Por meio da técnica de estudo de caso holístico exploratório, buscou-se respostas às perguntas que motivaram este trabalho. Foram realizadas pesquisas bibliográficas, entrevista com a repórter escolhida como caso de estudo, para assim compreender as relações entre repórter e sua fonte, além da relação com o leitor. Por fim, fez-se análise de três reportagens escritas por Custódio (2019) em anos diferentes.

As matérias aqui analisadas abarcam e despertam sentimentos genuínos, lançando mão de informações sobre a realidade do entrevistado que tenham o devido peso na narrativa, mas sem o caráter apelativo do jornalismo sensacionalista. Sensações despertadas e somente possíveis através das escolhas feitas pela repórter, sobre que elementos iluminar nas vidas das suas fontes, para que trazidas à luz do público, a repercussão de suas histórias possa fazer eco na sociedade e converter-se em soluções e benefícios para si, sua família ou ainda para sua comunidade. Nestes casos, como Medina (1996) elucida, o repórter ao ultrapassar os limites preestabelecidos na redação, avança no âmbito sensorial, se assim julgar conveniente. Todos ganham com essa relação mais sensível e respeitosa.

As conclusões obtidas através de um estudo que teve como base a seleção de reportagens com recortes geográfico, de tipo de informação, de veículo e por fim de profissional. Assim, compreende-se que os resultados alcançados, através dessa amostragem, expõem uma parte do que é a complexa relação que se dá entre o profissional jornalista e seu entrevistado, e se faz necessária uma abordagem mais densa e aprofundada destes aspectos a fim de investigar outras possíveis nuances que possam existir na relação do repórter com a fonte. Nesse sentido abre-se um campo para nova exploração do tema tendo em vista a carência de subsídios teóricos acerca da figura do repórter, bem como de referencial bibliográfico que versem sobre as questões próprias do seu ofício e do vínculo com as fontes.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo Popular**. São Paulo:Contexto, 2006. 134 p.
- BARBOSA, Marialva; ENNE, Ana Lúcia. **O jornalismo popular, a construção narrativa e o fluxo do sensacional**. Revista Eco-pós: Comunicação e História, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p.67-87, ago. 2005. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1109/1050>. Acesso em: 01 set. 2019.
- CUSTÓDIO, Aline. Jornalista de GaúchaZH, Grupo RBS. **O Jornalismo Popular, o Repórter e suas fontes**. Porto Alegre. 12 ago. 2019. Entrevista concedida a proponente.
- DUARTE, (Org.), J. **Comunicação Pública: Estado, Mercado, Sociedade e Interesse Público**. 3. ed. Acesso em: 01 set. 2019. *E-book*. Acesso através da Minha Biblioteca, mediante assinatura.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra Ltda, 1975. 218 p.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- IJUIM, Jorge Kanehide; SARDINHA, Antonio Carlos. Algumas meias verdades sobre a narrativa jornalística...: e a busca por um jornalismo humanizado. **Comunicação e Sociedade: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social**, São Bernardo do Campo - Sp, v. 1, n. 51, p.1-246, jan. 2009. Editora Metodista.
- MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2014. 496 p.
- MEDINA, Cremilda. **Povo e Personagem**. Canoas: Editora da Ulbra, 1996. 246 p. (Coleção Mundo Mídia).
- PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaboraões no setor**. 2008. Disponível em: <<https://palavraclave.unisabana.edu.co/index.php/palavraclave/article/view/1503/1744>> . Acesso em: 01 set. 2019.
- SCHMITZ, Aldo Antônio. **As Fontes nas Teorias do Jornalismo**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Caxias do Sul. Artigo. Florianópolis.p.1-16, 2 set. 2010. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-0779-1.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2019.
- YIN, Robert K.. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001. 200 p.